

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - LASEB
ÁREA: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Rosária de Jesus

A PRODUÇÃO DE TEXTO NUMA PERSPECTIVA SOCIO- INTERACIONISTA: a
escrita de relatos pessoais em uma turma de 3º ano do ensino fundamental

Belo Horizonte
Dezembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - LASEB
ÁREA: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Rosária de Jesus

A PRODUÇÃO DE TEXTO NUMA PERSPECTIVA SOCIO- INTERACIONISTA: a
escrita de relatos pessoais em uma turma de 3º ano do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal De Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência da Educação Básica.

Área: Processo de Alfabetização e Letramento

Orientadora: Prof.^a Ana Paula Rodrigues

Belo Horizonte
Dezembro de 2019

J58p

Jesus, Rosária de, 1970-

A produção de texto numa perspectiva socio-interacionista [manuscrito]: a escrita de relatos pessoais em uma turma de 3º ano do ensino fundamental / Rosária de Jesus. - Belo Horizonte, 2019. 38 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Ana Paula Rodrigues

1. Educação. 2. Educação de crianças. 3. Relações humanas. 4. Produção de textos. 5. Ensino fundamental. 6. Comunicação na educação. 7. Professores e alunos.

I. Título. II. Rodrigues, Ana Paula. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.1023

Catálogo na Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG

Bibliotecário: Moema Brandão da Silva. CRB6 1581 (Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica†.)



ATA DE DEFESA DO SESENTÉSIMO NONAGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Em este dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A escrita de relatos pessoais em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental” do(a) aluno(a) Rosária de Jesus. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Ana Paula Rodrigues (orientador) e Raquel Cristina Baeta Barbosa. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado atribuindo-lhe a nota 28 conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretária do curso a versão final em meio digital para (laseb@fde.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG - Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a)

Rosária de Jesus

Rosária de Jesus

Registro na UFMG: 2018752434

Ana Paula Rodrigues

Professor(a) Orientador(a)

Raquel Cristina Baeta Barbosa

Professor(a) Convidado(a)/Avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado do Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus irmãos, Alexandre de Jesus (*in memoriam*) e Arali de Jesus Monsueto (*in memoriam*). A eles, que passaram por este mundo e não tiveram as oportunidades necessárias ao seu desenvolvimento integral quando crianças, mas, ainda assim, com muita luta, conseguiram fazer todo o possível para tirar proveito dos recursos disponíveis, ainda que poucos, mesmo que isso não tenha sido suficiente para garantir uma boa qualidade de vida.

Dedico também a todos os excluídos desse Brasil. Tanto àqueles que, por meio de muita luta, conquistaram uma profissão, um trabalho, um meio de sobrevivência lícita, quanto àqueles que, apesar de lutarem, foram abatidos no campo de batalha. Estes que foram deixados à margem da sociedade por um sistema cruel, corrupto, desumano e egoísta, encabeçado por estes políticos perversos.

RESUMO

Este trabalho buscou investigar os motivos do aparente desinteresse, apatia e indisciplina em uma turma do 3º Ano do Ensino Fundamental. Por meio da aplicação de um Plano de Ação, objetivamos buscar maneiras de ajudar o aluno a vencer as dificuldades que são externas à sala de aula, mas que acabam refletindo nesse espaço, gerando vários transtornos. Para tanto nos embasamos nas teorias de Bakhtin (1998), Vigotsky (2003), entre outros autores que falam sobre a importância da interação como forma de propiciar um desenvolvimento mais efetivo entre os indivíduos, para buscarmos respostas que nos permitam lidar em sala de aula de uma maneira mais leve, de modo que o aluno se sinta bem e valorizado no ambiente. Metodologicamente, esta pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação, uma vez que a pesquisadora está inserida na pesquisa, influenciando e sendo influenciada por ela. Para isso, escolhemos, em um primeiro momento, trabalhar com a produção de textos em grupo, objetivando aumentar a interação e a cooperação entre os alunos. Posteriormente, focamos na produção de Relatos Pessoais como forma de trabalhar a escrita, mas de uma forma que valorizasse a história do educando. Os resultados apontam que a interação pode ajudar a evitar conflitos e tornar a sala de aula um lugar onde haja prazer em aprender.

Palavras-chave: Interação. Cooperação. Produção de textos. Relatos Pessoais.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1** - Roda de conversa e Recebimento do diário.....p. 28
- Imagem 2** - Momento de exibição do filme “Diário de um Banana”.....p. 30
- Imagem 3** - Apresentação dos Relatos Pessoais.....p. 31
- Imagem 4** - Produção de texto em grupop. 35

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 INTRODUÇÃO	11
2 INTERAÇÃO: A CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM APRENDIZADO INTERESSANTE, COLABORATIVO, CRÍTICO E SIGNIFICATIVO	16
3 SOMOS PARTE DE UM TODO: CRIANÇA HOJE, ADULTO AMANHÃ	25
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	32
4.1 Considerações sobre alguns alunos	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36

APRESENTAÇÃO

No ano de 2016, a professora, responsável por esta pesquisa começou a trabalhar como apoio em três turmas de primeiro ano, lecionando Geografia, História, Educação Física e Ciências. Trabalhou com estes alunos no primeiro ano e deu sequência no segundo ano.

Já em 2018, assumiu como referência de uma turma do 3º ano do 1º ciclo, quando a professora de uma das turmas saiu da escola. Ao se tornar referência da turma, passou a trabalhar os conteúdos: Língua Portuguesa, Arte, Literatura e Matemática, com isso pode observar uma heterogeneidade na turma no tocante à Língua Portuguesa. Alguns alunos estavam na fase silábica – alfabética, outros silábica e alguns, ainda, na pré-silábica.

A turma em questão apresentava sérios problemas de disciplina: brigas, desrespeito entre os colegas, os alunos não aguardavam o término da fala do para poderem falar e, constantemente, as professoras anteriores solicitavam a intervenção da diretora nos problemas da sala.

Diante desse quadro, a professora foi dominada por certa ansiedade e um desejo de ajudar aqueles alunos a vencerem as dificuldades. Por isso começou a pesquisar maneiras de incentivá-los no desenvolvimento da leitura e da escrita, de modo que realmente se interessassem, e não de uma forma tradicional, apenas para cumprir um currículo. Começou a estudar mais e a ler sobre a importância da interação, momento em que se deparou com as teorias de Vygotsky e Bakhtin. Percebeu que ali poderia estar a chave para um desenvolvimento, provavelmente mais rápido, das habilidades de leitura e escrita deles, já que um aluno poderia estar ajudando o outro em produções de texto em dupla, em trio, colocando-se como escriba etc. Assim começou a desenvolver com eles produções nas quais eles eram os protagonistas e ilustravam os textos livremente. Observou que os alunos que tinham mais dificuldade sentiam-se mais motivados a produzir os textos em grupo, pois tiravam dúvidas com os colegas, e também se motivavam com a possibilidade de trabalhar as ilustrações dos textos, que eram suas autênticas criações. No momento de apresentarem esses textos, observou que todos se sentiam autores, pois ninguém deixou de contribuir para o processo, fato que gerou na turma certa “alegria” de fazer parte da sala.

O trabalho de produção de texto em grupo possibilitou o desenvolvimento mais rápido de vários alunos, sendo que os que estavam na fase silábica rapidamente se tornaram alfabéticos. Esse trabalho era feito da seguinte maneira: os alunos escolhiam um tema sobre o qual gostariam de escrever, depois saíam para pesquisar esse tema. Os que não tinham o domínio da escrita, ao

receberem atividades de pesquisa para casa, pediam aos familiares que os ajudassem. Depois se reuniam com o grupo para estruturarem o texto.

Na estruturação do texto, todos colaboravam oralmente. Assim que decidiam o que iam escrever, começava o processo de registro. Nessa etapa, os alunos que estavam mais avançados no domínio da escrita registravam o texto no caderno. Os alunos que estavam na fase pré-silábica não eram esquecidos, pois o próprio grupo se organizava de maneira que ninguém ficasse sem atividade, assim estes participavam na construção oral do texto enquanto outros escreviam e outros ilustravam, com desenhos alusivos ao texto. Quando a escrita já estava pronta, todos copiavam no caderno. Em seguida, os alunos se auxiliavam, corrigindo os textos uns dos outros. De vez em quando ela observava uma ou outra fala do tipo: “Não é assim que se escreve não, burro!”, então ela interferia, pedia mais delicadeza, eles pediam desculpas e prosseguiam.

No ano seguinte, 2019, pediu à direção da escola que a autorizasse a continuar com a turma, o que possibilitou dar seguimento ao trabalho. No entanto, dessa vez, passou a incentivar os alunos a escreverem sobre assuntos que realmente fossem do interesse deles, e não com temas ou títulos sugeridos por ela. Queria que os temas brotassem do interesse deles, da curiosidade, da necessidade... Que assim se soltassem e posteriormente viessem a discutir e a se posicionar diante de assuntos de sua comunidade, tais como: problemas e dificuldades pra chegar à escola, medo que tinham dos cachorros que vivem soltos pelas ruas do bairro, problemas familiares, sentimentos que tinham sobre o valor atribuído a eles pelos pais, a violência que percebem atingir pessoas próximas e muito mais.

A turma possui vários alunos com casos de familiares vitimados pela violência e, em particular, um aluno da turma que tem uma história de vida muito difícil: abandonado pela mãe e pelo pai ao nascer, apega-se a um tio, o qual foi assassinado em frente a sua casa, segundo relatos da família. Há também outros casos de outros alunos que tiveram parentes assassinados em várias circunstâncias. Um outro caso é de um aluno cujo pai foi preso em São Joaquim de Bicas e ele chora na sala às vezes de saudades do pai, pois raramente pode visitá-lo, por isso sonha em se mudar para mais perto dele. Há, também, aqueles que presenciam a mãe sofrendo violência doméstica. Como se não bastassem todos esses casos observados no dia a dia, a própria professora também passou por uma tragédia pessoal ao longo deste trabalho. Seu irmão foi mais uma vítima da violência no Brasil: morto a facadas, na saída de uma festa.

Esses fatos causam grande comoção, desorientação e revolta nos educandos, o que traz consequências para o dia-a-dia deles na escola e na comunidade, mas há, ao mesmo tempo, um

temor de se expressar sobre estes acontecimentos, é como se vivessem em um mundo real e outro imaginário. Então, a partir disso, a professora pensou em como trabalhar com os alunos para que “colocassem para fora” seus sentimentos de dor, tristeza, alegria e tudo que se interessassem em escrever, querendo com isso tornar a sala um ambiente onde o aluno pudesse sentir acolhimento, harmonia, amizade, confiança.

Assim, criou o presente plano de ação, o qual possibilitou uma grande melhora na parte de expressão da turma, pois contou com rodas de conversa, vídeos sobre as histórias de vida de crianças de outras partes do mundo, produção de textos em dupla, teatro, culminando com um evento no qual os alunos foram presenteados com um diário para registrarem o que quisessem. Foi anunciado também um projeto de um livro, que será criado com todas as produções da turma ao longo do ano e será enviado às famílias, o que deixou a turma mais empolgada ainda para escrever.

Além disso, a professora tem encontrado nesta pesquisa seu próprio espaço, podendo refletir sobre seus próprios sentimentos, com o objetivo de que deste trabalho possam surgir ideias que, mesmo que pareçam “uma gota no oceano” (uma vez que não irão resolver todos os problemas que existem na escola, mas são apenas formas de colocar o aluno visível como um ser que necessita de um olhar do todo e não apenas de questões relacionadas ao seu rendimento escolar de conteúdo), futuramente contribuam para minorar impactos negativos.

1 INTRODUÇÃO

O plano de ação aplicado e analisado neste trabalho surgiu de um desejo interno da professora de entender os alunos, seus anseios, sonhos e medos, além da vontade de ajudá-los a lidar com os sentimentos da melhor maneira possível para que consigam promover um aprendizado mais produtivo. Desejos cultivados ao longo de mais de vinte anos de trabalho, mas colocados em prática neste momento graças à possibilidade de refletir sobre eles em um curso de Pós-Graduação. Uma vez que só estará com a turmas mais este ano, pretende auxiliá-los nesse processo tão complicado, do qual se sente parte, já que também faz parte dessa população excluída negra, pobre, órfã de pai, relegada, muitas vezes, à própria sorte, e também levar esse aprendizado para mediações futuras.

Além disso, um acontecimento que contribuiu muito para o tema em questão foi uma trágica perda que teve este ano: a morte do seu irmão, aos 45 anos, morto a facadas por um indivíduo usuário de crack e já condenado por dois homicídios cometidos, que andava livremente pelas ruas. Com esse acontecimento, essa necessidade de cuidar melhor das crianças no sentido do amparo passou a ser um sentimento ainda mais forte. Motivada por esse objetivo, começou a traçar um paralelo entre seus alunos, que hoje vivem dificuldades de ordem afetiva, como abandono, e presenciam situações de violência, com a história do seu irmão.

Este trabalho também buscou investigar a importância do aprendizado da leitura e da escrita, partindo de uma visão interna, pessoal e analítica. Fazendo uma reflexão sobre a relevância de trabalhar conteúdos realmente significativos para o aluno, ou seja, conteúdos que terão efeito para a sua vida pessoal e social, buscando melhorias na qualidade da mediação do conhecimento e objetivando uma educação que atinja como meta final a qualidade do ensino no tocante ao enfrentamento de questões internas pelos alunos, uma vez que estes apresentam dificuldades de expor seus pensamentos, frustrações, medos, timidez, angústias etc.

Essa necessidade de entender tais questões foi originada, ao longo de anos de experiência em sala de aula, como já citado, quando foi percebido que sempre o ambiente escolar está permeado de questões que o influenciam negativamente. Discutir essas questões torna-se importante, sendo necessário repensar o currículo escolar, analisando estratégias de mudança que permitam ao estudante ser sujeito de sua aprendizagem. Se isso não for possível, devido à estrutura escolar, que o aluno tenha um espaço em que possa receber uma atenção mais profunda. Afinal, a escola não pode continuar tratando apenas de ensinar a ler e escrever, é necessário enxergar além disso, pois, muitas vezes, o desenvolvimento dessas habilidades está

sendo comprometido por questões que ocorrem além da sala de aula. Com isso, pretende-se verificar se um ensino tendo como base a valorização do aluno enquanto sujeito realmente contribui para um ambiente escolar mais adequado ao desenvolvimento do aprendizado e de uma cultura de paz na escola.

A pesquisa que foi realizada vem no formato de pesquisa-ação, pois o professor está realizando um estudo sobre sua própria prática, uma vez que está analisando os impactos que um ensino com possibilidades de mais abertura, maior interação entre os alunos pode causar em sua sala de aula. Para se pesquisar os impactos dessa interação, foi feito um trabalho em que as produções de texto foram realizadas em grupo com alunos que liam misturados aos que ainda não liam. Já em um segundo momento, foi realizado todo um trabalho de pesquisa sobre histórias de vida de povos de outras partes do mundo e de pessoas da própria escola através de entrevistas, textos e relatos pessoais. Em outros momentos, foi proposto aos alunos que fizessem relatos de experiências de vida deles em família, com os colegas e amigos, de festas e viagens das quais tenham participado. Foram feitos também relatos de experiências com livros que leram, se gostaram, não gostaram, por que gostaram ou por que não gostaram. Nessa fase esses textos já eram individuais, pois o objetivo era de que os alunos desenvolvessem opiniões individuais, criticidade, criatividade etc.

Então passamos a ter em sala de aula momentos de desenvolvimento em que a produção de textos era coletiva, pensando naqueles alunos que ainda apresentavam um desenvolvimento aquém do esperado e que, em grupo, sentiam-se mais abertos para aprender com seus pares, e momentos em que a atividade era individual, objetivando um posicionamento crítico frente ao texto a ser produzido.

O público-alvo da escola é composto de alunos moradores do próprio bairro e também de alunos oriundos de um abrigo municipal temporário, que funciona em um bairro vizinho, chamado Granja de Freitas. Além destes, alunos que já saíram deste abrigo e foram instalados em prédios construídos pelo poder público nas redondezas.

A escola possui uma boa infraestrutura, conta com biblioteca que possui um bom acervo e funcionários para orientar os alunos em suas pesquisas, quadra de esportes, sala de informática, cantina. Na escola funciona também a Escola Integrada, em que os alunos ficam o dia todo e desenvolvem diversas atividades, como: dança, teatro, oficinas de artesanato etc. Os alunos da escola são, em sua maioria, respeitosos, interessados, responsáveis e carinhosos com os colegas e a equipe de professores. Mesmo assim, contamos com alguns alunos que, por motivos familiares e sociais diversos, por vezes, mostram-se agressivos e desrespeitosos com

os colegas e os professores, sendo necessária uma intervenção, envolvendo a família e, muitas vezes, o Conselho Tutelar. Infelizmente essas convocações geralmente não resultam em mudanças, como exemplo os alunos que, durante anos e anos, os pais são chamados à escola e ele sempre retorna com o mesmo comportamento. Portanto, cabe ao professor buscar maneiras de transformar o ambiente de sala de aula com estratégias que o ajudem a amenizar os conflitos.

A equipe de professores, assim como a direção, é muito empenhada e sempre disposta a resolver os conflitos que surgem com ética e profissionalismo, buscando se capacitar cada vez mais, participando de cursos de capacitação, Pós-Graduação e, alguns, mestrado, o que contribui para a melhoria da qualidade do seu trabalho junto ao aluno.

Uma grande preocupação percebida pelos profissionais da escola é quanto à participação dos pais ou responsáveis dos alunos na vida escolar dos filhos. Percebe-se um abandono por parte desses responsáveis, tanto no sentido material, quanto afetivo e intelectual. Muitas vezes, a escola tenta entrar em contato com um responsável para resolver alguma questão referente à vida escolar do educando e não consegue contato, pois muitos pais e mães mudam o número de telefone e não comunicam a escola. Muitos também não participam das reuniões para as quais são convocados por meio de bilhetes, nem comparecem no final do trimestre para saber das notas do filho, outros, quando são chamados, relatam que não aguentam mais o filho, que ele não obedece, só fica nas ruas e que deseja interná-lo em um abrigo para menores. Com isso há um grande esvaziamento nas reuniões e, assim, as questões que precisam ser resolvidas, como encaminhamentos, relatos do desenvolvimento dos alunos, convites para participar de eventos, que são de extrema importância para a família e a comunidade, como a aprovação de calendários escolares, avaliação da gestão e muitos outros, vão sendo adiadas.

Nesse contexto, o objeto geral do Plano de Ação foi investigar a importância da produção de textos, em especial os Relatos Pessoais, para a organização e o desenvolvimento do pensamento crítico, da reflexão, da escrita e da socialização de crianças. De forma mais específica, buscamos, também, identificar avanços na prática da escrita e no desenvolvimento do pensamento crítico; descrever estratégias usadas pelos alunos na organização dos textos; relatar o contexto de sala de aula antes e depois do trabalho com Relatos Pessoais; organizar momentos em que práticas orais e escritas aconteçam; criar canais de comunicação entre os alunos e a comunidade escolar para que as produções sejam socializadas.

O trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro é a Introdução. No capítulo 2, descrevemos o posicionamento de alguns teóricos, como Bakhtin, Vigotsky e Paulo Freire, sobre a importância de se trabalhar a produção textual em um contexto de interação, em que o

produtor do texto tenha do que falar, para quem falar, vindo no que está sendo escrito uma finalidade, que é cumprir uma função social. Além disso, o texto precisa partir de algo que seja do interesse do aluno, pois, assim, ele trabalhará com aquilo que está ligado à emoção, experiência ou curiosidade. Falamos também da importância do professor nesse processo de mediação do conhecimento, uma vez que os educandos precisam de sua intervenção nos momentos necessários para terem uma aprendizagem realmente significativa. No capítulo 3, fazemos uma breve descrição do ambiente de realização das atividades. Aproveitamos ainda para falar da importância de se criar um ambiente onde os educandos possam se sentir acolhidos, uma vez que o cenário atual de nossa sociedade mostra que muitos não possuem um ambiente adequado para viver as etapas da infância com segurança em suas casas ou na comunidade em que vivem, pois, devido à crescente onda de violência, as crianças ficam presas em casa na frente da televisão ou do videogame e o brincar na rua, conviver com liberdade, já não é tão comum.

Já no capítulo 4, apresentamos alguns resultados que obtivemos desse Plano de ação, os quais nos revelam se realmente o trabalho com produções coletivas de textos e relatos pessoais contribuem para um ambiente mais harmônico, colaborativo, autônomo e significativo em sala de aula.

Ao final fazemos algumas considerações sobre o papel da escola atualmente, tendo como ideia norteadora a de que alguns pais entregam seus filhos no portão da escola e confiam nesse ambiente como um local onde seus filhos estão seguros e, quando em casa, evitam que saiam às ruas por medo de que algo de ruim aconteça. Há ainda pais que não possuem a mínima condição de cuidar dos filhos e esperam que a escola resolva todas as questões relativas a eles, como educação, saúde, alimentação e, às vezes, até vestimentas.

Assim, a responsabilidade da escola tem se tornado ainda maior e ela passa a ter um papel muito mais importante para a sociedade, que é o de ser esse “refúgio”, sendo que os educandos não estão ali apenas para ver conteúdos, alguns vão pela comida que é servida e que muitas vezes não têm em casa, pois os pais as trocam por drogas, por exemplo, e muitas outras situações. Hoje se encontram na escola frequentadores que estão ali por vários motivos, sendo que, muitas vezes, a vontade de aprender não é o principal destes.

Por todo o exposto, tornou-se necessário que refletíssemos sobre a busca de mecanismos que permitam que os frequentadores se tornem educandos e enxerguem a escola como um espaço onde possam soltar sua imaginação, viajar na leitura, contar suas vivências, expressar suas opiniões sobre os fatos em geral, desabafar sobre problemas que os estejam

afligindo, coisas que, em um ensino “militar”, não é possível acontecer. E tentamos dar pistas sobre alguns transtornos que podem se manifestar na escola em forma de indisciplina quando, na verdade, pode se tratar de algo muito mais complexo.

2 INTERAÇÃO: A CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM APRENDIZADO INTERESSANTE, COLABORATIVO, CRÍTICO E SIGNIFICATIVO

Bakhtin (1992, p.111) afirma que “Gêneros Textuais são práticas discursivas”. Para ele, a língua ocorre a partir de enunciados emitidos de acordo com a finalidade dos falantes. Isso significa que, ao escrever um gênero textual, isso não pode ser feito de forma aleatória, deve ter significado para quem escreve, que se tenha objetivo, que esse texto seja realmente necessário, que seja destinado a alguém. Além disso, o texto precisa cumprir uma função social. Por exemplo: dar uma notícia a alguém, pedir algo, ensinar algo a alguém, convidar alguém etc. É preciso ter com quem falar de forma real. Também os textos precisam “pular” os muros da escola, cumprir objetivos sociais fora dela.

Quando o estudante visualiza somente seus interlocutores reais: professor e colega, a finalidade fica restrita ao fato de atender ao que foi solicitado e de apresentar algum resultado a eles. Com isso, o estudante não considera o “destinatário superior” (BAKHTIN, 1992, p. 111).

Segundo Marcuschi (2007), Gêneros Textuais são fenômenos históricos advindos de práticas coletivas. Podem ser instrucionais, ou seja, instruir quanto à montagem de algum equipamento ou quanto às regras de um jogo; informativos, como um texto que informa as condições do tempo; narrativos, como fábulas, contos; argumentativos, como artigos de opinião e editoriais. São, portanto, incontáveis, sendo cada um possuidor de estrutura própria.

O trabalho com os Gêneros Textuais é importante por possibilitar a interação no meio educacional e social, facilitando a expansão de saberes, experiências, histórias de vida de povos de perto, mas, também, de lugares do mundo onde jamais fomos. Através deles, também é possível descrever acontecimentos marcantes e aprender normas gramaticais para produzir textos variados.

Além disso, Marcuschi (2008, p.155) afirma que os Gêneros Textuais contribuem para ordenar as atividades comunicativas e favorecem o aprimoramento do desenvolvimento crítico. Dessa forma, o relato pessoal pode ser uma ferramenta de expressão de sentimentos pessoais, emoções, opiniões e conclusões. Pode servir também como um excelente canal de comunicação, desabafo de questões internas do educando, que muitas vezes não encontra esse espaço no meio em que vive e que, por não encontrar esse espaço, manifestam-se na escola por meio de problemas emocionais como ansiedade, angústia, tristeza, dificuldades de concentração e de relacionamento.

O relato pessoal é um gênero textual em que o autor relata acontecimentos que fizeram parte da sua vida. É um texto do tipo narrativo em que há espaço para a expressão de sentimentos pessoais, emoções, opiniões e conclusões próprias. A pessoa que narra é o ator principal da história.

Por meio do trabalho em sala de aula com a escrita de relatos pessoais, os alunos podem ter a oportunidade de manifestar um problema que o educando está vivendo e que pode não ter relação com a escola, mas que acaba se projetando ali. Tais problemas, se não forem detectados e solucionados, acabam se tornando problemas do ambiente escolar. Muitas vezes a escola tem se transformado de espaço do conhecimento em espaço de confrontos, talvez devido a essa dificuldade de entender o aluno em um contexto tão singular como o de hoje, em que muitas crianças quase nem encontram os pais, algumas por abandono, outras pelo fato de os pais trabalharem o dia todo e, às vezes, ficarem sozinhas em casa, e é na escola que encontram seus colegas para interagir, contar suas aventuras, tristezas, alegrias.

Nesse sentido, ao praticar a escrita de relatos pessoais, é muito importante que haja momentos de interação entre as crianças e seus pares, assim como é importante que o professor auxilie esclarecendo dúvidas, orientando a reescrita e que, sempre que possível, os pais e irmãos sejam envolvidos também de alguma forma nessas produções. É necessário que os temas sejam de interesse dos alunos e quando estes não se interessarem por aquele assunto, se for algo que o professor julgar de suma importância para eles, que encontre maneiras sutis de descobrir o porquê do desinteresse ou aversão ao conteúdo que está sendo ensinado.

É muito importante que seja feito todo um trabalho com os futuros escritores, no qual eles terão um vasto conhecimento do assunto sobre o qual irão escrever, pois assim ficará mais fácil para eles se posicionar criticamente e opinar sobre fatos. Existe conhecimento melhor para relatar que o que já foi vivido pelo aluno?

Esse conhecimento também pode vir através de uma pesquisa sobre o assunto, de leituras, brincadeiras, notícias e, no caso de relatos pessoais, isso pode se tornar facilitador, uma vez que o escritor passou por aquela experiência, presenciou o fato, se emocionou... Esse registro está em sua memória e ele pode opinar com mais propriedade em relação ao assunto sobre o qual escreverá.

O professor deve estar sempre atento a essa preparação, pois a falta dela pode levar a uma carência de conhecimento sobre o assunto e conseqüentemente a uma deficiência do que colocar no papel. Segundo os PCNs (BRASIL, 2001, p. 65), “um escritor competente é aquele que planeja o discurso e conseqüentemente o texto em função do seu objetivo e do leitor”. É

necessário também que seja disponibilizado um momento para que os alunos interajam, sugerindo ideias.

No caso de relatos orais, é necessário também que se ensine como se posicionar para fazer o relato. Falar da importância de olhar para o ouvinte, da postura, de materiais que possam ser apresentados para ajudá-lo a relatar e dar confiabilidade ao discurso, como fotos, cartazes etc.

Esse momento é de extrema importância, pois possibilita aos alunos em processo de aquisição da escrita participarem oralmente com suas sugestões, o que talvez não conseguiriam passar para o papel usando os códigos, mas podem contribuir oralmente. Através do trabalho com relatos pessoais, os indivíduos ganham tijolos para a construção de sua subjetividade. Nessa modalidade de texto, os educandos “se encontram”, eles partem de algo vivido por eles, portanto com muito significado emocional.

Kleiman (2000, p. 70) sugere que “a concepção escolar vê a escrita como um conjunto de atividades para domínio do código”. Ela afirma que ao longo dos séculos a visão escolar tendia a valorizar os aspectos gramaticais do texto sem se preocupar com as ideias que os seus produtores queriam passar. Essa concepção escolar persistiu por muito tempo e existem professores que afirmam que deu certo naquele tempo, mas esquecem de que os tempos são outros. As famílias não têm a mesma configuração de antigamente, os meios de comunicação avançaram e as leis também mudaram. Então hoje é preciso conquistar os alunos para que eles queiram estudar, pois eles não aceitam ser forçados a fazer algo que não queiram. Eles querem se identificar com o conteúdo proposto. Se são forçados, reagem com indisciplina ou outra forma de protesto. Exigem respeito a sua forma de se vestir, falar etc. Quando sentem que o professor os respeita e se importa com eles, tendem a se desarmar.

O relato pessoal, portanto, possibilita maior aprendizagem da oralidade e da escrita, pois pode apresentar uma linguagem verbal simples e com isso facilitar a comunicação entre os educandos. Assim, eles podem facilmente compartilhar fatos ocorridos em sua vida cotidiana, fazer relatos sobre a vida na comunidade em que estão inseridos, sobre sua família, escola... Nele os escritores podem relatar e também descrever acontecimentos locais.

Aprendendo a relatar fatos cotidianos, os educandos desenvolvem mais facilmente o pensamento crítico e reflexivo, percebendo assim que existem diferenças entre a fala e a escrita. Com isso perceberão que a fala é fragmentada, já a escrita precisa ser planejada de acordo com o código linguístico vigente. Esse conhecimento do código não pode ser desprezado, uma vez que o acesso a diversos meios de comunicação usados na sociedade é feito através dele.

Geraldi (1993, p. 135) reforça a ideia de que “é no texto que a língua se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas quer enquanto discurso”. É necessário, portanto, que os textos dos alunos sejam vistos numa perspectiva nova, considerando não apenas a gramática destes, mas dando valor às visões de mundo dos produtores desses textos, suas maneiras peculiares de escrever e seu senso crítico. Nesse sentido, valorizando essas produções com um objetivo maior, observando coerência e coesão, por exemplo, pois quando o professor pensa, se preocupa, se dedica a observar o teor do texto, ele está colaborando com o desenvolvimento do pensamento do aluno e que uma sociedade melhor só se faz com indivíduos capazes de pensar com autonomia, fato que decorre do desenvolvimento dessa habilidade de formular ações significativas para si e para os outros. Fugindo do convencional, o professor pode também levar os alunos à reescrita de seus textos, pois assim terão a possibilidade de repensar o texto e melhorá-lo, contribuindo para as produções futuras.

Vygotsky (1997, p.155.) diz que “a relação do homem com o mundo é mediada”. Portanto, acreditamos que os professores que trabalham promovendo a interação entre seus alunos em sala de aula, e se incluem nessa interação, explorando os gêneros textuais e especificamente os relatos pessoais, terão grande probabilidade de sanar muitos dos problemas hoje apresentados pelos educandos, como a dificuldade de ler sozinhos observando os sinais de pontuação, acentos, escrever de próprio punho, dificuldade de interpretar textos, articular ideias ao produzir, uma vez que passaram pelo processo de interpretar suas próprias produções. Além disso, terá um baú de ideias para colocar em seus textos, pois aprenderam a estruturar sua criação; trabalharam a gramática e aprenderam a usar a coerência e a coesão em seus próprios textos.

O gênero relato pessoal também pode ser um facilitador na inclusão dos pais como colaboradores, juntamente com o professor, na aprendizagem de seus filhos, uma vez que nesse tipo de texto há espaço para opiniões, expressão de sentimentos etc. Ele cria a possibilidade de um canal entre os pais e as atividades de sala de aula, em que os pais podem falar sobre seus sentimentos em relação ao filho, suas expectativas quanto ao futuro etc.

Para Koch (2002, p.16), o texto é uma ótima opção para promover o desenvolvimento da interação entre os indivíduos, pois ele possibilita uma comunicação objetiva, clara e terá um leitor que poderá se manifestar dando retornos. Como seria interessante promover através de relatos pessoais uma interação maior entre pais e filhos ao fazê-los falar de seus sentimentos! Muitas vezes a rotina em uma família elimina a possibilidade de diálogos que seriam de suma importância para todos e principalmente para aqueles que estão em formação. O gênero também

possibilita o trabalho interdisciplinar, já que pode ser trabalhado por todas as disciplinas. O aluno pode tranquilamente trabalhar um relato pessoal na aula de matemática, por exemplo, descrevendo suas experiências com a matéria em questão. Em Ciências, pode produzir um texto sobre uma experiência que realizou, pode exercitar a leitura e fazer exercícios de interpretação usando uma notícia sobre animais em extinção, por exemplo.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Além de tudo isso, o trabalho com relatos pessoais ajuda os alunos a melhorar o diálogo, facilita o contato social entre eles e faz com que possam “colocar para fora,” “desabafar” sobre assuntos que os preocupam no dia-a-dia, seus sentimentos de medo, angústia, raiva, dor, solidão e muitos outros. Oportunidade essa que muitas vezes não encontram na família e que em outros gêneros talvez não seja tão apropriado fazê-lo. Não significando que os alunos ficarão apenas nesse gênero, mas que podem se beneficiar deste gênero, sabendo que devem conhecer outros e se aprofundar neles e inclusive se apropriar da linguagem culta.

O emprego da língua efetua-se por meio de enunciados concretos e únicos proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições e específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...], mas acima de tudo por sua construção composicional. (...) cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, aos quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p. 261-262).

Em um meio predominantemente de médicos, por exemplo, com certeza haverá o predomínio de um certo tipo de linguagem, assim como em um meio onde se interagem engenheiros etc. O diálogo é facilitado uma vez que os profissionais encontram pontos em comum devido ao fato de estarem inseridos em uma mesma comunidade. Com os educandos, o desenvolvimento da leitura e da escrita através de relatos pessoais pode ser beneficiado, pois, ao perceber que existem outros que passam por situações semelhantes as suas, o aluno pode encontrar nesses colegas alguém com quem pode falar, usando talvez uma linguagem menos formal, despreocupada, de sentimentos mais profundos e, assim, estabelecer relações de confiança. Lembramos ainda de que esse tipo de texto permite o trabalho no campo social também, que é um objetivo que não pode faltar em uma produção de texto.

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: conteúdo temático, construção composicional e estilo (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Tendo espaço para falar livremente, os educandos podem se apropriar de habilidades que permitam a eles interagir em sociedade, expressando opiniões, debatendo assuntos que favoreçam a comunidade, contribuindo para o bem comum. Além disso, o desabafo é muito importante, pois uma comunidade não se organiza de forma satisfatória sem ação efetiva de seus cidadãos. É preciso que os membros se organizem em prol de melhorias para o grupo e um membro que não tem habilidade de se posicionar frente aos embates políticos perde a oportunidade como voz nas decisões. Nesse sentido,

Coll (2004, p.115) diz:

Os problemas emocionais costumam manifestar-se na escola em forma de ansiedade ou de angústia, acompanhadas de manifestações de tristeza, choro, retraimento social, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldade de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas. A gravidade desses problemas emocionais é muito variável, pois tanto podem ser psicoses, como manifestações de situações conjunturais de estresse mais relacionados com a vida cotidiana, familiar escolar ou social.

Muitas vezes o professor sente-se tocado emocionalmente por essas manifestações advindas do aluno, ou se sente irritado, talvez por não ter conseguido refletir naquele momento sobre o fato. Geralmente a preocupação com os conteúdos domina o professor e essas questões são encaminhadas para a coordenação, que ali conversa com o aluno superficialmente e o devolve para a sala sem que de fato o problema seja solucionado por inteiro. O aluno “melhora” naquele momento e depois volta com as mesmas dificuldades, pois a raiz do problema, que está no emocional, não foi resolvida. E assim ele perdura por anos a fio, tornando-se cada vez mais grave.

Ainda citando Coll (2004, p.120), encontramos:

Os problemas emocionais e sociais podem desempenhar um papel importante nas dificuldades gerais de aprendizagem e no rendimento seja como fator etiológico fundamental ou colateral (por exemplo, na motivação, na concentração ou no planejamento da conduta; má relação com o professor ou com os colegas; protesto contra os pais por meio de sua conduta escolar; baixo sentimento de autoestima; baixo sentimento de auto eficácia ansiedade excessiva; etc.), seja como consequência das próprias dificuldades de aprendizagem gerais ou específicas de aprendizagem e do

baixo rendimento (por exemplo, provocando conflitos com o professor; consideração negativa dos colegas; baixa autoestima ; ansiedade diante dos resultados; rejeição por parte dos pais; frustração das expectativas dos pais ; problemas de conduta na sala de aula ou fora dela, etc.) Uma vez desencadeado o processo, é razoável pensar que se inicia um círculo sistêmico no qual cada efeito se em causa que potencializa o outro. Nesse processo é muito importante, levar em conta a influência da família e da escola. Sua ação positiva pode romper o círculo de influências mutuas e contribuir para isolar os problemas, impedindo que se generalize.

Nesse sentido, a sala de aula é influenciada o tempo todo pelo estado emocional do educando, o que nos leva a entender que este não deve ser desconsiderado como fator importante no processo de ensino aprendizagem. Não se pode aceitar que o ambiente escolar seja o responsável por todos os problemas surgidos ali, é necessário que o aluno tenha todo um amparo social para que sua estada nos ambientes escolares transcorra da melhor maneira possível, tirando o máximo proveito do espaço de conhecimento, com prazer de aprender. Aqui se percebe que o papel do professor não está concentrado apenas na sala de aula. Um professor ciente de seu papel na sociedade verá que tem uma função social muito importante, além da sala de aula, que é o dever de questionar as políticas públicas para crianças no Brasil, pois o simples lecionar conteúdos não é o bastante. Para que ele cumpra com efeito sua função, ele precisa acionar vários mecanismos sociais que influenciam diretamente em seu trabalho. O simples fato de exigir disciplina pode não ser suficiente, uma vez que pode existir algo muito complicado por trás da indisciplina, da apatia e do sono de um aluno.

É na fase de desenvolvimento que o ser humano decide quais os modelos seguirá. Os indivíduos vivenciam vários exemplos de modelos todos os dias, como se estivessem diante de uma vitrine, mas seguirão apenas aqueles que conseguirem tocar no mais profundo do seu emocional. Muitas vezes a criança vive em ambientes onde a mãe é alcóolatra, o pai é abusivo, usuário de drogas, ou a abandonou, ou até mesmo foi abandonada pelos dois, pai e mãe. E esses são os modelos que se apresentam diante dela para que escolha a qual seguir e incorporar à sua subjetividade. Nesses momentos, principalmente, é que acreditamos que a escola pode entrar com modelos diferentes para que a criança conheça e possa ter opções de escolha na formação de sua personalidade. Algo que mostre a ela que aquela instituição é importante para a vida. O professor, como o representante dessa instituição, por sua vez seria importante que refletisse nas palavras de Paulo Freire citadas abaixo.

O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire,2002 p.33).

Nesse sentido, fica claro que a imagem que o professor passa para a criança é muito importante na construção da sua subjetividade. Se ela conviver na escola com professores cuja preocupação principal gira em torno apenas do desenvolvimento da parte cognitiva dos seus alunos, sem observar a sua subjetividade, valorizar sua forma singular de aprender, extraindo deles as suas potencialidades, ao invés de querer adaptá-los ao conteúdo imposto, com certeza este educador não terá sucesso com o *status* de modelo a ser seguido pelos seus alunos. O professor tem esse dever social de ser uma opção de exemplo a ser seguido pelos seus alunos, por isso muitos copiam o professor, como na maneira de vestir, gostam de imitá-lo e tudo isso pode parecer brincadeira apenas, mas ali eles estão construindo significados, eles estão formando no seu interior a imagem desse professor, que guardarão em sua memória. Assim, se este é amável, dá espaço para que o aluno se expresse, observa suas habilidades e as elogia, encorajando-o a prosseguir nesse caminho, ele pode ter conseguido criar um canal de ligação emocional com o aluno, suprindo aquilo que talvez esteja faltando para ele, que é um modelo diferente, uma nova opção de escolha não encontrada no ambiente onde reside.

Nesse mar de opções que o aluno tem para escolher modelos os quais usará para formar sua identidade, o trabalho com relatos pessoais apresenta-se como um auxílio nesse processo de valorização do educando, pois, fazendo seus relatos, ele aprenderá a se conhecer melhor, vai se deparar com histórias de vida diferentes da sua, histórias de superação, e perceber que existem saídas para ele, existe esperança de mudança, vai se sentir capaz de construir sua história espelhando-se em modelos que, sem que lhe fosse apresentado pelo professor, jamais conheceria. Sendo assim, suas opções aumentam e o outro ponto positivo é que se sente trabalhando com algo seu, suas experiências, sem discriminação nem preconceito do jeito real. Isso com certeza gera nos alunos um sentimento de que eles têm valor, têm história e que esta tem importância, merece ser contada, registrada e trabalhada.

Sem a pretensão de solucionar os problemas escolares em sua complexidade, mas acreditando que o espaço escolar pode ser um ótimo ambiente para investigar o que se passa no interior dos alunos e criar estratégias com a finalidade de diminuir impactos negativos, cremos que muito da ansiedade, angústia, retraimento social, por exemplo, pode ser aliviado por meio

de um ambiente que valorize o aluno, acreditando nas suas potencialidades, criando um espaço de refúgio em meio a tantas dificuldades apresentadas ao longo do desenvolvimento infantil.

Por esse motivo defendemos uma produção de texto que inclua e valorize os relatos pessoais na educação como forma de se pensar o educando em sua totalidade como ser pensante. Um indivíduo que tenha domínio do código linguístico, saiba usá-lo a fim de cumprir suas funções sociais e, ao mesmo tempo, se encontre, se conheça melhor, pense mais, reflita, crie estratégias de sobrevivência em meio às adversidades, traga sua família e amigos para estarem presentes com ele em suas atividades escolares de corpo presente nos eventos e também através de atividades para casa que promovam essa união por meio de relatos de mãe para filho, de pai para filho, de irmão para irmão e assim possa ter um aprendizado mais motivador, possa ser mais feliz ao longo do processo de aprender e, se isso não for possível, ao menos ter a chance de questionar os acontecimentos que fazem parte de sua história.

3 SOMOS PARTE DE UM TODO: CRIANÇA HOJE, ADULTO AMANHÃ

O plano de ação desta pesquisa foi desenvolvido em uma Escola Municipal de Belo Horizonte situada no Bairro Taquaril, em Minas Gerais. A aplicação se deu em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. A escola é composta de alunos do 1º ano do 1º ciclo até alunos do 3º ano do 3º ciclo, além de uma turma do Projeto Geração Ativa, destinado aos alunos fora da faixa etária que repetiram de ano ou abandonaram a escola por um período.

Como já mencionado, a professora tem muitos alunos com diversos problemas sociais e familiares. Soma-se a isso uma necessidade de entender melhor o universo infantil de alunos que vivem em uma comunidade com altos índices de violência, sendo eles alvos desta, direta ou indiretamente. Pelo que é percebido, isso tem gerado nesses alunos um certo “estado de choque” sobre o qual eles têm medo de falar, pois essa realidade parece ser algo muito difícil de encarar.

Surgiu desse contexto a ideia de se criar uma “válvula de escape” por meio da qual esses alunos pudessem “desabafar”, pois se percebe que muito são reprimidos, intimidados e têm medo de se abrir, falar. Em um cenário desses, muitas vezes existe a necessidade de repensar qual conteúdo atenderá melhor essa clientela numa perspectiva de educar para a vida.

Dessa forma, buscamos investigar a mediação do professor voltada para o protagonismo infantil, não com a intenção de investigar a complexidade desse conceito, mas como estímulo a minorar os efeitos desse silêncio em relação aos sentimentos interiores e com isso direcionar o ensino para algo realmente proveitoso e significativo, ouvindo e respeitando o aluno.

Assim, tomamos os relatos pessoais como ferramenta que pode contribuir nesse universo de possibilidades de incentivar crianças a se conhecerem melhor, a se perceberem como indivíduos que possuem direitos, deveres e que podem ser construtores de sua história. Tal necessidade se faz presente porque foi observado que esses alunos sentem que o silêncio é necessário para que suas vidas sejam preservadas, pois nem tudo pode ser falado em certos meios. Também se justifica pela necessidade de incentivar o desenvolvimento do pensamento, buscando maneiras inteligentes de lidar com o ambiente em que vivem e interagir com ele, retirando dali o que têm de melhor e descartando o que têm de pior, criando com isso estratégias de sobrevivência e mudança em direção a algo que seja benéfico para si e para a sociedade em geral.

Pretende-se, também, abrir um debate sobre a situação em que vivem as crianças da periferia de Belo Horizonte. Seus sonhos, suas expectativas para o futuro, seus medos, seus sentimentos em relação a seus familiares, seus problemas diários, suas dificuldades na comunidade. Isso porque acreditamos que o tão falado desinteresse dos adolescentes pela escola pode estar começando nos primeiros anos de escolaridade, provocado, entre outros fatores, pelo fato de o aluno não encontrar na escola o “seu lugar”, um lugar no qual se realize como aprendiz. Percebemos que se cobra muito do estudante o conteúdo, mas, muitas vezes, este é secundário na vida do aluno, ele tem questões mais urgentes para resolver.

Então um dos objetivos dessa pesquisa é também encontrar caminhos para munir o aluno com estratégias para que, apesar das adversidades, das dificuldades que encontrar na vida quando criança, ele possa ter um equilíbrio emocional suficiente para que veja o futuro com esperança em algo melhor, sem, no entanto, deixar de insistir em cobrar do poder público medidas para resolver os problemas.

O interior do indivíduo é muito particular, não temos como saber o que se passa lá, mas podemos criar canais para que ele se expresse e revele um pouco de seu cotidiano para que, com isso, possamos intervir para ajudar.

A necessidade de pesquisar esse tema foi também o fato de não ter encontrado pesquisas suficientes, pois os trabalhos que foram encontrados eram direcionados a turmas compostas por alunos maiores, do segundo ciclo e, nesse caso, foi necessário fazer uma pesquisa-ação voltada para as peculiaridades do primeiro ciclo, em que muitas vezes os alunos encontram dificuldades de achar palavras para expressar o que estão sentindo ou mesmo seus pensamentos em relação ao assunto em questão. A dificuldade de traduzir em palavras o que quer dizer, muitas vezes, faz com que o aluno se cale e deixe de expressar uma ideia que pode contribuir com os seus pares e para o desenvolvimento do seu pensamento. Quando o professor escuta, questiona, esse aluno começa a organizar suas ideias e consegue colocá-las em palavras de forma que se entenda seu raciocínio, sua linha de pensamento. Acreditamos que esse trabalho de fazer com que o aluno veja na escola um ambiente de esperança, de conhecimento, de valorização dos indivíduos em sua diversidade, de infinitas possibilidades, tem que começar na educação infantil, dando sequência no primeiro ciclo. Muitos problemas que eclodem nos ciclos subsequentes podem ter como uma das origens os primeiros anos de escola nos quais os alunos não viram este ambiente como um espaço de possibilidades. Assim, em um momento em que estão experimentando todas as mudanças que a adolescência traz, muitas vezes não encontram na família o apoio esperado e têm como outra opção a escola para ajudá-los, mas não aprenderam a vê-la como esse espaço

de conhecimento de si, do outro etc. Não a veem como uma referência para discutir seus conflitos internos.

Se nesse momento não encontrarem um professor que perceba isso e mostre a eles que isso é possível, possivelmente terão muitas dificuldades. Mas se desde cedo perceberem que podem ser ouvidos e respeitados no ambiente escolar, isso pode criar uma sensação de confiança e pode ser de grande ajuda.

A aplicação do Plano de Ação desta pesquisa começou com uma conversa informal sobre o tema Relato Pessoal. O que é? Por que é importante fazer relatos? Quais os tipos de linguagem utilizada nesse tipo de texto? Nesse mesmo dia, propusemos a leitura de relatos pessoais de crianças de várias partes do mundo. Esses relatos foram colhidos e disponibilizados pela professora e o objetivo da leitura foi conhecer o modo de vida de crianças ao redor do mundo, seus sonhos, expectativas para o futuro, como é seu dia a dia e, em contrapartida, comparar semelhanças e diferenças com a maneira de viver dos alunos dessa turma.

Em um segundo momento, propusemos a realização de entrevistas com pessoas que visitaram outros países com o objetivo de ouvir um relato ao vivo de uma viagem e assim ter a experiência de ver um adulto relatando e poder participar interagindo com a entrevistada. Também foi possível perceber melhor a realidade vivenciada por crianças de outros países sob a ótica da família dessas crianças, no caso por meio do relato de alguém que viajou até lá, tem familiares nesse país, inclusive crianças que frequentam a escola e participam de programas de política pública para crianças, e assim saber as opiniões da entrevistada sobre essas políticas públicas, como são as escolas, se existe violência, a questão do lazer, quais são as diferenças e semelhanças que a pessoa entrevistada encontrou entre o Brasil e o Canadá (que foi o caso deste relato). Foram realizadas algumas entrevistas. Uma delas foi com a professora Andreia, que trabalha na reprografia da escola. Ela fez um relato sobre sua viagem ao Canadá, visitando sua filha que se mudou para lá a trabalho, já com uma criança pequena e que agora tem outra criança, esta nascida naquele país. Outras entrevistas foram realizadas com os alunos para que falassem sobre a experiência deles estando nessa escola, com essa turma, sobre os trabalhos em grupo, se estava dando certo ou não. Os motivos pelos quais alguns grupos se entrosaram melhor que outros e diversas outras questões do relacionamento, sendo que esses relatos foram feitos também em produção escrita.

Em um terceiro momento, propusemos a realização de uma roda de conversa sobre as experiências vividas no dia a dia na comunidade, ocasião em que os alunos foram convidados a participar oralmente falando de alguma questão que os incomodasse, ou que quisessem relatar.

Uma das alunas relatou que sentia muita falta de sua irmãzinha, que faleceu apenas com alguns meses de vida, e começou a chorar. Isso me fez entendê-la melhor, os colegas a confortaram com abraços e palavras. Um dos alunos contou que o tio foi vitimado e relatou seus sentimentos diante do abandono da mãe e do desprezo do pai: “Ele mora perto da minha casa, mas quando vou procurá-lo ele fala pra eu ir embora que ele não gosta de mim”. Uma aluna falou do medo que tem de leão e outra falou do medo que tem dos cachorros que andam soltos nas ruas do bairro.

Esse momento foi muito importante, pois possibilitou um maior conhecimento de minha parte sobre o que se passa na cabeça dos educandos e me possibilitou entender melhor cada um.

Imagem 1 - Roda de conversa e Recebimento do diário



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Depois, os alunos foram convidados a escreverem um relato pessoal seguindo um roteiro, o qual trazia espaços para preencher com o nome, apelido (se tivesse), local onde morava, um problema ou dificuldade existente no lugar da moradia, o que fazia em casa para ajudar nas tarefas domésticas, medos, o que queria ser quando crescesse, pessoas de quem gostava, coisas de que gostava, sonhos que pretendia realizar.

Constatou-se por meio desses relatos que quase todas as crianças tinham apelidos, seus nomes verdadeiros quase não eram falados na família ou entre os amigos do bairro, fato que a professora não sabia e pode conhecer, do qual fez surgir novas carinhas sorridentes: a Larissa, em casa, era a Lalá; quando, num gesto de carinho, foi chamada assim pela professora, sorriu, muito tímida, pois quase não fala e quando o fazia a professora sentia a necessidade de perguntar novamente, pois não conseguia escutar. A aluna mostra ser bem cuidada pela mãe e pelo

padrasto, que a busca todos os dias de carro, quando não o faz, a mãe busca; vem para a escola sempre bem arrumada. Reprovou no terceiro ano, em dois mil e dezessete, por não saber ler ao final do ciclo. Chegou a essa turma repetindo o terceiro ano chorosa, insegura quanto a sua capacidade de aprender a ler e escrever.

Um problema ou dificuldade que muitos alunos citaram foram os morros que precisam subir todos os dias para chegar até a escola, já que não conseguiram o transporte da Prefeitura, pois esta, ao fazer os estudos de zoneamento e disponibilizar transporte público para os alunos, considera a distância, mas não avalia as dificuldades que o aluno pode ter no seu percurso, como morros muito íngremes que as crianças precisam subir tendo dificuldades para isso.

Sobre o que fazem para ajudar em casa, alguns lavam a louça, outros só varrem a casa, outros cuidam do cachorro. Houve reclamações de alguns parentes que ficam no sofá sem fazer nada, ao longo da atividade houve o relato de um aluno cuja mãe é doente e ele precisa fazer tudo em casa, inclusive lidar com o fogão a gás para preparar a comida.

Quanto aos medos, surgiram medos dos cachorros que andam soltos pelo bairro e até de serem atacados por um leão!

Alguns alunos disseram que querem ser veterinários quando crescerem, três meninas querem ser modelos, mas a profissão que mais pretendem é a de jogador/a de futebol.

Pessoas de quem mais gostam: a figura mãe ganhou, mesmo para aqueles que não convivem com elas por algum motivo.

Sonhos que pretende realizar: muitos têm o sonho de comprar uma casa bem bonita e levar a mãe para morar com eles, um aluno apenas disse que seu sonho é ficar rico.

O objetivo da escrita desses relatos foi de que o aluno passasse a conhecer mais a si mesmo, refletindo sobre possibilidades, pensar em estratégias para melhorar algo que julgasse necessário mudar. Também conhecer melhor os outros colegas da turma.

Após preencherem o roteiro, os alunos produziram um relato pessoal escrito. Antes desse momento, foram repassados os conceitos que deviam ser observados ao produzir esse gênero textual, quanto à linguagem adotada, emprego em primeira pessoa, sobre o que se relata, que no caso são experiências vividas, acontecimentos reais e fatos do dia a dia.

Achei curioso o que uma aluna relatou em seu texto: “Eu tenho muito medo de leão, mas a professora falou que não preciso ter tanto medo desse bicho, pois existem poucos por aqui”. Foi interessante, pois ao relatar isso ela pareceu aliviada e seu medo foi embora. Com essa experiência fica mais evidente a importância que a fala de um adulto tem para uma criança. Seja para torná-la insegura ou, no caso, para lhe dar segurança.

Ao final cada aluno leu seu relato para a turma e foi criado um mural de relatos onde cada aluno pode conhecer um pouco mais sobre cada um. Também colocaram fotos dos acontecimentos vividos.

Prosseguindo com a aplicação do Plano de Ação, exibimos o filme “Diário de um Banana”, com o objetivo de criar um momento divertido num ambiente de cinema, com filme e pipoca e, ao mesmo tempo, colher material para trabalhar as opiniões dos alunos sobre os posicionamentos do personagem Greg e sua relação com os familiares, amigos e colegas da escola. Após a exibição do filme, fizemos uma roda de conversa sobre o posicionamento do personagem em relação a diversos acontecimentos, momento em que pudemos tratar de assuntos como relação pai e filho, entre irmãos, colegas de classe, importância do exercício físico na vida diária, amizade, futuro, valores, higiene pessoal e autoestima.

Imagem 2 - Momento de exibição do filme “Diário de um Banana”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para a culminância da proposta, foi realizado um momento muito aguardado pelos alunos, em que foi servido um lanche e cada aluno foi convidado a fazer a leitura do relato produzido por ele. Nesse momento, muitos se encolheram de timidez. Foi então que tive a ideia de deixar os mais tímidos para o final, para que um ficasse dando apoio ao outro e, assim, todos apresentaram seus relatos. Ao final, cada um recebeu um diário para continuar escrevendo seus relatos pessoais.

Imagem 3 - Apresentação dos Relatos Pessoais.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com a aplicação do Plano de Ação foi possível perceber a importância de promover a interação entre os alunos e entre estes e o professor. Para Koch (2002, p.16), o texto é uma ótima opção para promover o desenvolvimento da interação entre os indivíduos. Aulas nas quais o professor esteja sentado o tempo todo, não chega perto dos alunos para esclarecer dúvidas e saber do andamento do processo, não possibilita o diálogo em sala, com certeza não estão cumprindo os objetivos do ensino e aprendizagem numa perspectiva de interação, pois se trata apenas do aluno falando com ele mesmo sem o “outro” para confrontar suas ideias. Além disso, Coll (2004, p.115) diz que os problemas emocionais costumam manifestar-se na escola em forma de ansiedade ou de angústia, acompanhados de manifestações de tristeza, choro, retraimento...Acreditamos que se o educando encontrar na escola pessoas nas quais possa confiar, fazer amizades, se identificar, talvez até esses problemas emocionais possam ser amenizados, por esse motivo foi ressaltada a experiência de trabalho em grupo com as alunas citadas abaixo.

4.1 Considerações sobre alguns alunos

A aluna Larissa (Lála), citada anteriormente, foi colocada inicialmente para produzir textos em grupo com seus colegas, de início ficava provavelmente pensando, meio perdida: - “Como vou produzir um texto sem conseguir ler e escrever?”. Olhava para a professora, olhava para o lápis. Mas logo depois começou a se incluir no grupo de trabalho. Percebe-se que essa situação não era fácil para Larissa, pois estava começando em uma turma diferente, longe dos coleguinhas que estiveram junto com ela ao longo dos últimos três anos. Foi percebido pela professora que Larissa era muito boa em organização de seus materiais, que cuidava com muito capricho, em Artes era excelente seu colorido, sua atenção para detalhes era incrível. Assim a professora resolveu fazer a experiência de colocá-la para trabalhar com a Bianca, que era uma das alunas que mais se destacava na turma, muito querida pelos colegas, chegava a haver desentendimentos, causados pelo ciúme, quando uma coleguinha queria se sentar perto da Bianca. A dupla deu muito certo e Bianca ajudou Larissa ao longo de todo o ano de 2019. Com esse caminhar juntas, a amizade entre elas se desenvolveu, Larissa perdeu o medo que demonstrava de início e hoje está lendo, escrevendo, levantando a mão para contribuir com suas opiniões, sugestões, faz desenhos a pedido da professora para ornamentar a sala, pois é uma

habilidade que a professora observou logo na sua chegada e ao longo do ano de 2018 procurou valorizar, ressaltar para a turma, e percebe que a cada dia ela a desenvolve mais. Certo dia a turma repreendeu a professora, pois Larissa queria se posicionar sobre um assunto, levantou sua mão, mas como tinha muitas levantadas, a professora deu a palavra para outra pessoa.

Bianca, por sua vez, como foi citado, é muito bem quista pela turma, não que a turma tenha muita dificuldade nesse sentido, mas ela é aquela aluna que se destaca para a turma como modelo a ser seguido. A professora que assumiu como referência percebeu que Bianca era uma aluna muito boa em Língua Portuguesa, mas precisava melhorar em organização e em Artes. Com a união de Larissa e Bianca aconteceu o que a professora previa e ansiava por acontecer, que foi a melhora de Bianca em sua organização e no capricho com a matéria Artes.

Outros casos também merecem serem relatados. O aluno Gustavo, já citado, quando chegou à turma, teve uma crise, ficou agressivo, pegou sua mochila e arremessou longe, gritou, xingou. A professora foi avisada pela professora anterior de que ele surtava e não ficava na sala. Nessas ocasiões a mesma solicitava à coordenação que o retirasse de sala. Hoje percebo que está totalmente integrado ao grupo, está mais confiante, nunca sai de sala, pede para ir ao banheiro e seu comportamento é exemplar. A professora acredita que esse incentivo ao trabalho em grupo, juntamente com o incentivo ao “desabafo” através do diálogo, tem sido o motivador de todos os benefícios alcançados no relacionamento interpessoal demonstrado pela turma.

Jenifer é uma aluna que está sempre caladinha, mas um dia a professora percebeu que estava muito triste. Chegou perto e perguntou: - O que aconteceu que você está tão triste?. Ela respondeu: - Minha mãe viajou pra longe e vai demorar a voltar. A aluna foi aconselhada a ler livrinhos enquanto isso e a professora lhe falou que, ao ler o tempo passava mais rápido, ela poderia viajar para outros lugares e logo a mãe voltaria. Depois disso, passou a ver que todo dia ela estava com um livro na mão, mais feliz. Se a professora não chegasse perto para perguntar o motivo da tristeza, talvez nunca ficasse sabendo para ajudar. Tempos depois, chegou para a professora dizendo que tinha funcionado e a mãe tinha chegado. Ou seja, os livros ajudaram-na, confortaram-na durante o tempo em que ficou sem a mãe.

A partir das atividades de incentivo ao relato oral, foi percebido que Caleb possui um probleminha na fala e será encaminhado ao especialista, mas isso não tem impedido que progrida, disse-me que está fazendo pregações em sua igreja quando há oportunidade para crianças. Ama produzir textos escritos também.

O aluno Kaiky conseguiu se tornar silábico até o momento, mas tem progredido. Está muito interessado e está recebendo elogios dos colegas pelo desempenho atual.

Os resultados apresentados acima mostram que o trabalho com a produção de texto em grupo desenvolve nos alunos a leitura e a escrita, mas de maneira que eles não se sentem obrigados a escrever, fazem isso com vontade, e tem interesse em trabalhar com o texto. Percebe-se que se sentem motivados, incluídos na produção, que essas produções têm um significado emocional para eles e também destinatários, seguindo o pensamento de Bakhtin (1992, p.111), que afirma que “gêneros Textuais são práticas discursivas”. Para ele, a língua ocorre através de enunciados emitidos de acordo com a finalidade dos falantes. Isso significa que, ao escrever um gênero textual, isso não pode ser feito de forma aleatória, deve ter significado para quem escreve, que se tenha objetivo. Por isso os textos eram expostos nas paredes da escola para que outros alunos pudessem ler, eram levados para casa e lidos para os pais e, como objetivo final, foram organizados em um livrinho que será distribuído na escola para que outros alunos possam levar para casa e ler com suas famílias.

4.2 A questão emocional

Essa insistência em trazer o emocional para sala de aula foi devido ao fato de perceber que trabalhar com esses alunos reprovados nos anos anteriores do mesmo jeito que já havia sido feito provavelmente não iria surtir efeito. Era preciso buscar algo diferente que fosse capaz de despertar algo nesses alunos (foi dito “nesses” porque a professora recebeu dois alunos retidos por desempenho, Larissa e Gustavo). Não despertar o gosto pelo conhecimento, pois, no caso da Larissa, ela parecia querer aprender, mas não conseguia, tinha o interesse, copiava todas as atividades do quadro com muita organização e capricho... Então esse bloqueio que a impedia não era gerado pelo desinteresse, muito pelo contrário, era perceptível o sofrimento dela por não conseguir. A mãe, segundo relato da professora anterior, é analfabeta, não conseguia ajudá-la nas tarefas escolares.

Então neste detalhe já pode estar uma pista de onde se encontrava o problema. Como vivia com a mãe e esta não apresentava um modelo de leitor para ela, possivelmente esse significado não se desenvolveu. Ela não construiu, através do seu emocional, um significado subjetivo da importância da leitura e da escrita para sua vida, uma vez que seu emocional estava ligado à mãe, que não se caracterizava como um modelo capaz de incentivar o desenvolvimento de tais habilidades, como podemos entender na fala de Cool (2004), o qual afirma que “a criança constrói sua subjetividade analisando, comparando modelos com os quais convive”, assim, ao

trabalhar com seus pares, Larissa possivelmente passou a enxergar neles esses modelos e optou por segui-los, tornando possível desenvolver essas habilidades.

Os exemplos citados acima reforçam as convicções da professora a respeito da teoria de Vigotsky quando diz que a relação do homem com o conhecimento é mediada, pois percebeu que a sala de aula demanda, o tempo todo, o pensar e o repensar do professor para adequar a sua prática às necessidades reais de aprendizagem dos educandos de forma que seja significativa para eles. Esse pensar e repensar do professor deve se refletir também no aluno e é através da interação com seus pares, debatendo questões e argumentando, que ele terá essa possibilidade de rever conceitos. Acreditamos que o desenvolvimento dessa habilidade de analisar, questionar e debater através do diálogo com o professor e com os colegas, desde os primeiros anos escolares, facilitará o seu desenvolvimento crítico e o fará ser mais aberto a rever posturas quanto à autonomia, a comportamentos, à leitura, à escrita, à reescrita etc.

Por fim, vimos a necessidade de organizar um abaixo assinado requisitando da Prefeitura de Belo Horizonte um ônibus que transporte os alunos para a escola, minimizando assim as dificuldades enfrentadas por eles. Entrando em contato com a diretora, ela comunicou que já havia solicitado esse ônibus no passado, sem êxito. Mesmo assim está sendo organizado outro pedido.

Quanto à reclamação dos alunos em relação aos animais soltos nas ruas, está sendo providenciado um pedido ao setor de zoonoses para resolver o problema.

Um livro no qual serão colocados os textos produzidos pela turma está em fase de confecção e posteriormente será socializado com os alunos da escola e com os parentes deles.

Imagem 4 - Produção de texto em grupo



Fonte: Arquivo pessoal da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de realizar este trabalho partiu da observação de que muitas escolas, atualmente, são um cenário em que há muita frustração. O aluno sente-se frustrado por não aprender e manifesta isso por meio de indisciplina, ou traz problemas emocionais gerados por fatores alheios à escola e que se manifestam nesse ambiente, gerando desinteresse, apatia, ansiedade, agressividade etc.

O professor, por sua vez, também se sente frustrado, pois tem que dar conta do conteúdo programado, sente-se desafiado pelo que considera indisciplina, mas que pode ser manifestação de um problema mais sério, o qual ele, mesmo que queira ajudar a resolver, talvez não consiga de imediato.

Pensando em tudo isso, buscamos embasamento nos referenciais teóricos de Bakhtin, Vigotsky, entre outros, que falam da importância da interação entre os indivíduos, da necessidade que o ser humano tem de se sentir valorizado, ter voz, contar sua história, poder criticar para se sentir realizado como ser humano.

A partir desses estudos, foi possível observar que os desafios que as escolas enfrentam hoje no tocante à chamada indisciplina podem ser amenizados a partir de um olhar atento dos educadores e da colocação de medidas em prática que sejam capazes de minorar problemas enfrentados que são tão prejudiciais aos alunos e professores e, conseqüentemente, ao aprendizado e, num grau maior, ao desenvolvimento do país.

Nesse contexto, no que se refere ao professor, é preciso que este ache um equilíbrio em sala de aula. Ele precisa saber lidar com esses conflitos de maneira inteligente, trabalhando as questões emocionais juntamente com os conteúdos do programa escolar, para que consiga uma parceria com o educando, tornando possível reduzir os impactos causados pelos conflitos e talvez contribuir para a prevenção do adoecimento emocional.

Percebe-se, deste modo, que o papel do professor no contexto atual tem sido muito mais amplo. Ele precisa estar envolvido nas questões sociais, buscando melhorias dos órgãos públicos, porque os problemas advindos da sociedade vigente estão interferindo diretamente em sua sala de aula, problemas como violência, drogas, abandono; e, ao mesmo tempo, fazer uma boa mediação dentro da sala de aula, criar estratégias para lidar com o aluno de forma que este se sinta acolhido, valorizado, alguém importante, por quem vale a pena se dedicar. Até para a sua estabilidade emocional, ele precisa sentir que está fazendo essa “diferença” na vida de um aluno e assim pode sentir uma satisfação pessoal, um prazer em realizar seu trabalho.

Na prática, foi possível perceber que, ao trabalhar a produção de texto, é realmente necessário que esta tenha algo a ver com o interesse do aluno, pois desse modo ele será motivado pelos seus sentimentos, que podem ser de curiosidade sobre o assunto, de emoção, de medo etc. Essa motivação é muito subjetiva e para o professor percebê-la não é muito fácil, sendo possível somente por meio da interação entre professor e aluno.

Nesse sentido, é necessário que não apenas o professor, mas toda a sociedade de Belo Horizonte se mobilize no sentido de promover maior qualidade de vida para as crianças da cidade. Nos últimos tempos, vê-se que esse tema tem ganhado visibilidade na mídia, mas ainda falta muito a se fazer. Precisa-se ter um olhar diferenciado sobre esse período tão importante, que é a infância.

Trabalhar começando desde a conscientização dos jovens quanto à hora certa de se gerar um filho, passando pelo trato da saúde mental e física das mulheres grávidas, uma vez que muitas enfrentam os piores momentos de suas vidas justamente neste período, quando são abandonadas por seus companheiros e mães e filhos recém-nascidos passam por privações num momento crucial de recuperação da mãe e de nutrição e desenvolvimento do filho, o cuidado com a criança, mental e fisicamente na primeira infância.

Também é necessário que as autoridades tenham mais empenho em lidar com a questão da violência que tem atingido as crianças de forma física e psicológica, trazendo consequências graves para o seu futuro como cidadãos brasileiros.

Portanto, há que se discutir formas, mecanismos, que de forma prática e não apenas teórica, culminem com a melhoria de condições de vida dessas crianças, para que assim elas possam se desenvolver como cidadãos saudáveis, físico e mentalmente, e que possam contribuir para o desenvolvimento humano em sua comunidade.

Nesse contexto, o trabalho com Relatos Pessoais possibilitou que o aluno tivesse um desempenho melhor em Língua Portuguesa, o qual foi paralelo ao enfrentamento de questões de sua vida, seu dia a dia, questões que realmente eram significativas para ele. Também possibilitou que ele escrevesse com mais liberdade, em primeira pessoa, expressasse seus sentimentos de emoção, satisfação, decepção, amor, repulsa, nojo, pois em alguns materiais ao longo do trabalho foram expostas essas situações.

Hoje há um maior entrosamento entre a turma, acreditamos que provocado por um conhecimento maior de si mesmos e dos seus pares, pois ao longo de todo o processo a turma inteira estava envolvida nos relatos orais e escritos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva (Org). Tradução e Adaptação: HOFFNAGEL, Chambliss. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, A.E. Formar professores: discutindo o trabalho e os saberes docentes. In: MENDES SOBRINHO, J. A. de C; CARVALHO, M. A. de (Orgs). **Formação de professores e práticas docentes; olhares contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- COOL, Alvaro César - **Desenvolvimento Psicológico e educação**. Organizado por Cesar Coll, Álvaro Marchesi e Jesús Palacios, trad. Fátima Murad – 2. ed . Porto Alegre: Artemed, 2004.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática** (Coleção Magistério formação). Campinas: Papirus, 2011.
- II CONEDU- Congresso nacional de Educação. ARAÚJO, Sinthya Fernanda Diniz e outros. **O ensino do gênero textual Relato Pessoal frente aos déficits da comunicação em sala de aula**. Campina Grande, 2015.
- FONTENELE, Oscarina de Castro Silva; NETO, Pedro Rodrigues Magalhães. **Por uma didática de leitura e produção de textual: uma proposta de ensino com o gênero Relato Pessoal**. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/3597>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.
- FRADE**, Isabel Cristina; Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Frade, Costa Val, Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. 336 p., *il*
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 92p.
- FUZA, Ângela; MENEGASSI, Francine; RENILSON, José. A escrita na sala de aula do Ensino Fundamental. **Possibilidade de aprendizagem: Ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência / Organizadoras Albertina Mitjás Martínez, Maria Carmen Villela Rosa Tacca**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.
- THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa – ação**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1994.